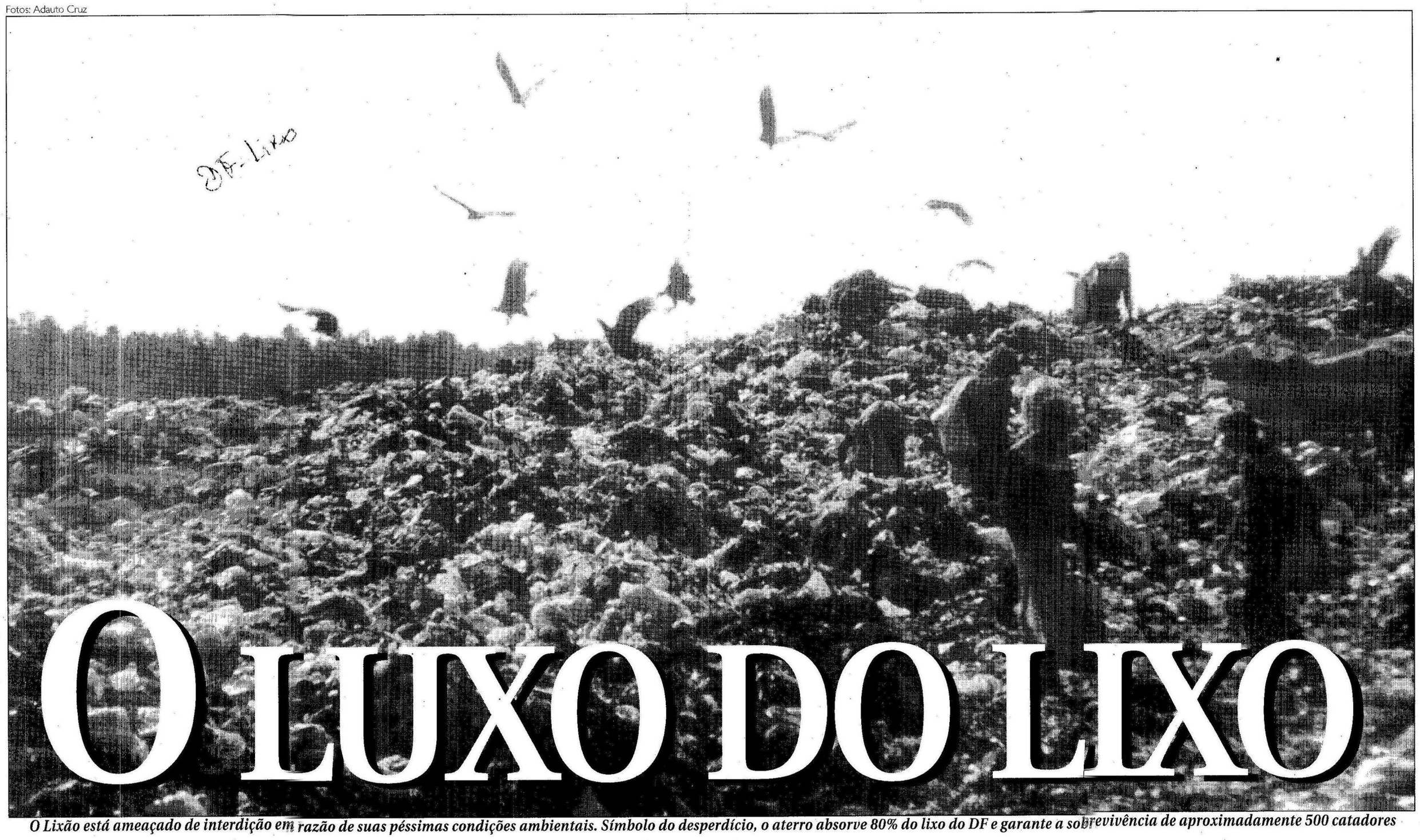
Só no Plano Piloto, deixam de ser reaproveitados R$ 200 mil por mês em material reciclável. Joga-se fora até TV a cores

Fotos: Adauto Cruz



O LUXO DO LIXO

O Lixão está ameaçado de interdição em razão de suas péssimas condições ambientais. Símbolo do desperdício, o aterro absorve 80% do lixo do DF e garante a sobrevivência de aproximadamente 500 catadores

Philio Terzakis
Da equipe do Correio

Lixo é aquilo que não presta, o que se joga fora. Certo? Nem sempre. Ainda mais na capital do País. Aqui, lixo e luxo dividem o mesmo caminhão coletor. Os brasilienses parecem decididos a conquistar todos os troféus na prova do desperdício. Jogam fora até geladeira e televisão. Sem falar das deficiências no reaproveitamento de materiais como plásticos, papel, vidro e matéria orgânica.

Diariamente, o Serviço de Limpeza Urbana (SLU) coleta 1,4 mil toneladas de lixo. Apenas 20% passam pelas usinas. Desse total, só 2,5% (5,6 toneladas) são transformados em material reciclável. Os 80% restantes do lixo coletado vão para o Aterro Sanitário — o conhecido Lixão, que fica próximo à Estrutural.

Em condições ideais de coleta, tratamento e destinação de lixo, o SLU arrecadaria cerca de R$ 200 mil por mês só no Plano Piloto. A estimativa é do assessor de Planejamento do órgão, Jorge Artur Chagas. "Mas isso é apenas um dado matemático. Não é possível separar todo o lixo, nem haveria mercado para tanto material reciclável", considera.

Os dados reais passam longe do ideal. Em agosto, o SLU não registrou nenhuma venda desse tipo de material. No mês anterior, vendeu R$ 426 em pneus velhos. Em junho, as indústrias pagaram R$ R$ 4.254 por papelão, pneus velhos e latas. Tanto o mercado como a produção são insuficientes.

O resultado de todo esse desperdício são perdas ambientais e financeiras. O Lixão está com sua vida útil esgotada. Se depender do Ministério Público, o local estará interditado até o final do ano. O depósito está contaminando o subsolo e córregos.

A maior parte do material reciclável não fica no Distrito Federal (DF). É vendida para indústrias de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Isso porque o DF possui apenas três indústrias que fazem reciclagem de plástico fino.

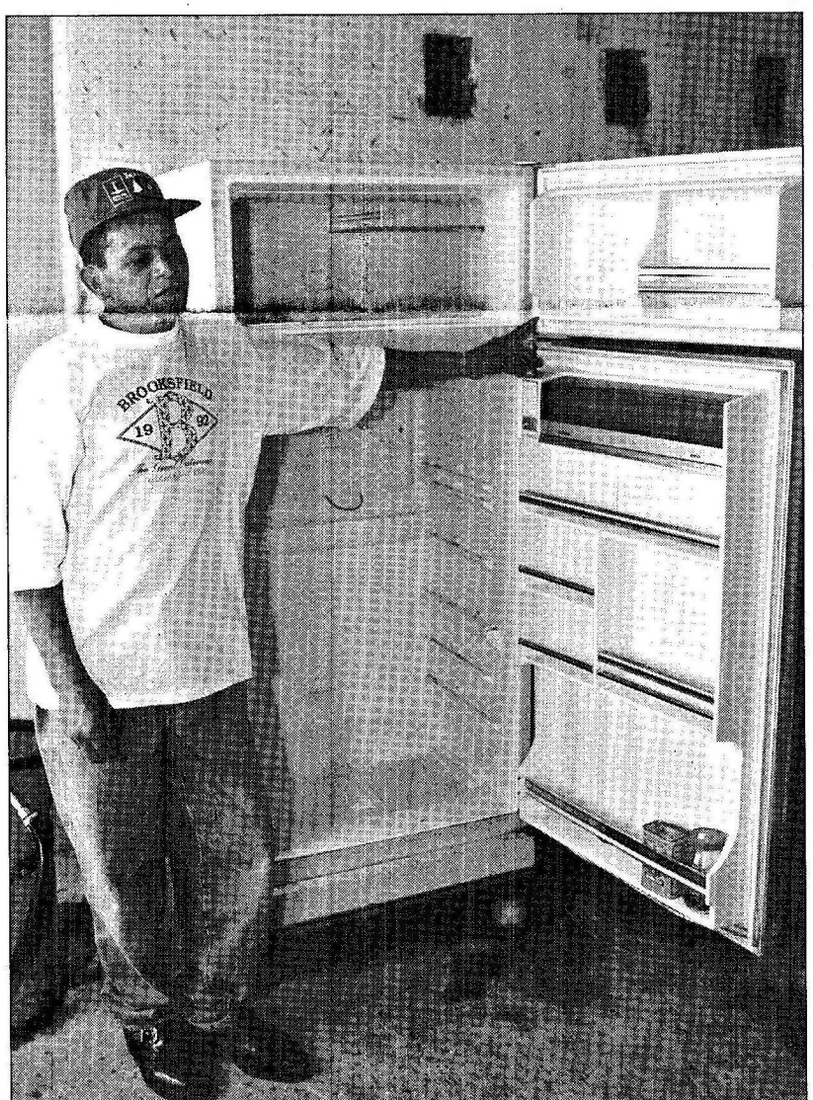
As indústrias perdem dinheiro com o desperdício. Os custos de produção de uma folha de papel, por exemplo, caem em cerca de 50% quando a matéria-prima é reciclada, de acordo com o Núcleo de Comercialização do SLU.

O papel é o segundo material mais presente (12%) no lixo do DF. O primeiro lugar fica com o material orgânico (58%), que vira adubo com o processo de compostagem. Nesse caso, a produção permanece quase toda no DF e Entorno. Os custos de produção são subsidiados pelo governo. Cada tonelada é produzida por R$ 100 e vendida para pequenos produtores rurais ao preço de R$ 7.

RENDA

Nem só de comida e papel se compõe o lixo de Brasília. Móveis, geladeiras, fogões, eletrodomésticos, aparelhos de som. É luxo que, às vezes, acaba nos caminhões coletores do Serviço de Limpeza Urbana (SLU).

Entretanto, é mais freqüente que as pessoas não tenham paciência nem de jogá-lo fora. Quando não conseguem oferecê-lo diretamente para amigos e empregados, ele é abandonado em locais proibidos como quadras residenciais, comércios e áreas verdes.



O desperdício alheio já rendeu ao gari Gerson Ferreira até uma geladeira

O gari Gérson Francisco Ferreira, 32 anos, nem se espanta mais com a alta qualidade do lixo produzido principalmente no Plano Piloto, onde o desperdício é maior. "Quando os moradores chamam do portão, a gente já sabe que vai receber alguma coisa", conta.

Funcionário do SLU há dez anos, ele já tirou do lixo uma televisão a cores e uma bicicleta. Há um mês, uma dona de casa do Lago Norte lhe deu uma geladeira amarela duplex Super Luxo, da marca Consul.

Este ano, os móveis da psicóloga Adélia Tavares de Almeida viraram lixo. Ela resolveu reformar sua casa no Lago Sul. Comprou a nova mobília, mas não sabia o que fazer com a velha. Pensou em jogar fora. Mas acabou dando o sofá, a mesa, o fogão e as cadeiras para a faxineira.

"Não vendi porque o dinheiro ia ser tão pouco que não valeria a pena. Desperdício realmente existe e é mesmo coisa de brasileiro", reconhece.

Um sofá de quatro lugares e duas poltronas estavam tomando espaço no apartamento de quatro quartos da psicóloga Noeli Trindade Daisson Santos, 45 anos, na 304 Norte. Noeli comprou móveis novos e só pensava em se livrar dos trambolhos. Chamou o SLU. Depois desistiu e deu tudo para a faxineira.

"Eu não sabia o que fazer com aquilo. Seria bom ter informações sobre o que fazer com o que a gente não quer mais", justificou.

DESTRUIÇÃO

Faltam números no SLU para quantificar mais esse desperdício, mas sobra experiência de quem entende de lixo. "Coisas que poderiam ser reaproveitadas são jogadas fora. As pessoas nem tentam vender porque não precisam e não têm paciência", confirma o chefe da Divisão de Limpeza do SLU, Raimundo Paulo de Lima.

Explica-se: o brasiliense possui a maior renda per capita do País — US$ 7.089, segundo pesquisa feita em 1994 pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea). Ou seja, as pessoas ganham mais, tendem a consumir mais e, portanto, jogam mais coisas fora.

No começo dos anos 80, o brasiliense ganhava uma média de 9,79 salários mínimos por mês (R$ 1.096,48), revela pesquisa realizada pela Companhia de Desenvolvimento do Planalto Central (Codeplan). Em dez anos, essa média foi para 12,98 salários mínimos (R$ 1.453,76).

O preço dos serviços também contribui com a produção de lixo. No ano passado, a reparação de eletro-eletrônicos ficou pelo menos 15% mais cara, de acordo com a Federação do Comércio (Fecomércio). Isso quer dizer que, em alguns casos, tornou-se mais barato comprar um novo produto do que consertar o velho.

Jogar luxo fora também pode ser sinal de preguiça, ignorância e descuido. O professor de Psicologia Ambiental da Universidade de Brasília Hartmut Günther acredita ainda que pode ser um símbolo de status. Para exemplificar, ele relata o ritual de destruição — conhecido como *potlatch* — realizado por índios norte-americanos.

"Uma tribo convida a outra para um tipo de comemoração e, na frente dos convidados, queima roupas e outros artefatos. O convidado deve retribuir o convite e, por sua vez, queimar ainda mais objetos. O ato demonstra riqueza e poder", diz o professor.

É como se a pessoa dissesse: "Eu sou tão rica e poderosa que posso me desfazer disso".

PRODUÇÃO

A média diária de lixo que cada brasiliense produz é de

600
gramas

A quantidade de lixo produzida diariamente no DF é de

1,4
mil toneladas

Desse total, são tratados apenas

20%

O Lixão recebe todos os dias

1,1
mil toneladas

Fonte: Serviço de Limpeza Urbana do DF (SLU)

CONSUMO

98%
dos migrantes pobres vivem de lixo, pequenos biscates e esmolas

85%
deles consideram Brasília uma cidade boa para se viver, com população generosa e lixo rico

500
pessoas sobrevivem do lixo depositado no Aterro Sanitário, o Lixão, no Guará

R$ 120
é o que um catador pode ganhar em uma semana com a venda de papel

Fontes: Pesquisa "Perfil e Razão da Migração para o DF - julho de 1996" dos sociólogos Marcel Bursztyn e Carlos Henrique Araújo; e Serviço de Limpeza Urbana (SLU).

Os que vivem dos nossos restos

Dois rádios, dois toca-fitas, um ferro de passar, uma caixa de som e sete relógios de pulso. É modesto o tesouro do catador Orlair Viana Pinto, 39 anos. Tudo foi encontrado no meio do lixo. Mas funciona.

Faz cinco anos que o paraense Orlair mora no maior garimpo de lixo do Distrito Federal (DF): o Lixão ou Aterro Sanitário, onde cerca de 500 pessoas garantem a sua sobrevivência catando e revendendo os restos da população mais rica da cidade.

Lá, tem de tudo mesmo. Os catadores enumeram: feijão, arroz, carne, café, açúcar, leite, iogurte. Roupas, remédios, ferros de passar, rádios, relógios, bijuterias. Tem até dinheiro. "Uma vez, achei R$ 30 e ganhei a semana", lembra o catador.

A vida de Orlair é o lixo. Quase tudo o que ele, a mulher e os quatro filhos precisam para sobreviver é tirado do Lixão. A começar de sua casa, toda construída com a catação de papel, plástico e madeira.

Boa parte da comida vem do lixo. Em seu barraco, Orlair tem iogurtes e sucos estocados para os próximos dois meses. A validade dos produtos está vencida, mas ele não hesita em oferecer a comida estragada para os filhos. "Não faz mal não", garante.

Até a vaidade do paraense se alimenta de restos. Seu uniforme de trabalho — uma camisa e uma calça velhos — inclui duas pulseiras, dois anéis e quatro colares, também garimpados no Lixão. Bijuteria barata que ele ostenta no horário de "serviço".

É por isso que o catador não se cansa de repetir: "O que você precisa na vida arruma aqui".

LIXO RICO

No Distrito Federal (DF), 98% dos migrantes pobres — a maioria vinda do Nordeste — sobrevive de lixo, pequenos biscates e esmola. Foi o que provou a pesquisa Perfil e Razão da Migração para o Distrito Federal, realizada pelos sociólogos Marcel Bursztyn e Carlos Henrique Araújo e financiada pelo CNPq, em junho e julho deste ano.

"É a chamada economia política do lixo. A maioria declara que, aqui, a população é generosa e o lixo mais rico", diz Araújo. Dentre eles, 85% consideram Brasília uma cidade boa para viver.

A meta do Serviço de Limpeza Urbana (SLU) é retirar as pessoas do Lixão e levá-las para trabalhar nas usinas, separando lixo para reciclagem. Os catadores, entretanto, preferem ficar no Lixão.

O caso de Pedrina Alves de Jesus, 38 anos, é uma exceção. Ela catou lixo durante dez anos e, agora, trabalha meio expediente na usina. "- Aqui, é melhor porque não pegamos sol nem poeira. No Lixão, ganhamos mais dinheiro, mas lá é mais arriscado e perigoso. Não me arrependi", considera.

Pedrina sabe do que está falando. Trabalhar no Lixão pode significar morte. Em janeiro deste ano, o pequeno catador Luiz Henrique Rodrigues Condes, 13 anos, foi esmagado por um caminhão do SLU quando disputava com outros 50 catadores a carga trazida pelo veículo.

O acidente não tirou as crianças do Lixão. Os irmãos Marcos, 15 anos, e Luís Eduardo Vieira da Silva, 14 anos, trabalham juntos para ajudar o pai, Ermando, 50 anos, a sustentar o barraco na invasão da Estrutural. Para se dedicar à catação, abandonaram a escola há três anos. A volta aos estudos é sempre adiada para o próximo ano.

A catadora Porfíria Maria de Lima Neta, 22 anos, rejeitou todos os convites para trabalhar em usinas. Ela mora na invasão da Estrutural e trabalha no Lixão há 14 anos. Porfíria diz que, no lixo, encontra todos os dias a coisa mais valiosa de sua vida: liberdade.

"A gente trabalha na hora que quer e consegue tudo. Acorda de manhã, pensa que não tem nada, vai para o lixo e encontra alguma coisa. O principal é comer, vestir e ter sossego", filosofa.

"E ainda falam que aqui só tem poluição. Esse Brasil é uma comédia mesmo", concluiu. Botou o saco nas costas e saiu, com passos firmes, em direção às montanhas de lixo.